

DA ASSOCIAÇÃO PAULISTA DE MEDICINA

Professora Myriam Ellis

* Paulo Bomfim

Recebe-la na casa de Alfredo Ellis Júnior, neste chão do velho São Paulo, é ritual de fraternidade, gesto de respeito e de calor humano, fogo que volta a iluminar as taipas sacrossantas de nossa gente.

É tradição que se dinamiza, vivência florindo, cultura que tem raízes plantadas nas glórias paulistas, bênção de Anchieta e de frei Galvão, bandeira que retorna dos sertões do nunca mais, trincheira que não se rende.

Nesta casa, continuação dos solares de outrora, atalaia de nossos maiores, mantemos vivo o facho que recebemos das mães de seu Pai.

Aqui, as treze listas que ele empunhou em Cunha transfiguraram-se na espiritualidade que banha o culto de nossas reminiscências, na sacralidade de nossos mortos e na fé que depositamos na monção que nos conduz aos arraiais do porvir.

A cadeira que Vossa Excelência ocupa tem como patrono Alexandre de Gusmão, o derradeiro bandeirante. Gusmão, o consolidador da epopéia paulista, é o vaticínio da chegada ao nosso sodalício da dama dos fastos de Piratininga.

Erasmus Braga, sábio educador de tantas gerações, às quais legou o encanto da "Série Braga", abre o ciclo de tradições da Cadeira n.º 13, assinalando mais uma coincidência, reencontro com a história e o ensino, duas faces do destino da professora Myriam Ellis.

A seguir, História, Filosofia e paulistanismo saúdam a nova acadêmica do púlpito onde monsenhor Castro Nery prega a cruzada de 32, guerra santa que teve em Alfredo Ellis Júnior um de seus mais ilustres paladinos! Arrobas

Martins também irmana-se com Vossa Excelência em seu amor a São Paulo.

Das grandes realizações do secretário de Estado, aí estão o Museu de Arte Sacra, cuja alma foi o nosso Oliveira Ribeiro Neto; e o Museu da Casa Brasileira, dirigido pela professora Myriam Ellis, com dinamismo e vocação.

Sucede Vossa Excelência a Nogueira Moutinho, príncipe desterrado num mundo que não soube compreender. Quando o convidaram para dirigir um dos setores mais importantes do Conselho Estadual de Cultura, sabia que o profundo saber e a dedicação de nosso poeta e ensaísta abririam fecundos caminhos na área cultural de nosso Estado.

Em Nogueira Moutinho e Vossa Excelência encontro novamente marcantes pontos de contato. Ele que teve em meu primo Carlos Pinto Alves seu guia espiritual, Carlos que foi um dos maiores amigos de Alfredo Ellis Júnior.

Sobre aquela que chega e aquele que parte, o Segundo Reinado estende o manto da nostalgia. A bisneta dos viscondes da Cunha Bueno sucede ao bisneto dos viscondes de Guaratinguetá. Entre os dois o espectro dos cafezais e a visão de domínios perdidos!

Quando cheguei à Academia, professora Myriam Ellis, nela encontrei o mais belo exemplo do espírito ecumênico de Piratininga. A Academia Paulista de Letras era e é síntese luminosa de nossa grei.

Quarenta cadeiras representam bem o espírito do solo onde estão plantadas. Nelas se assentam intelectuais de todos os quadrantes do País. Aqui se encontraram o gaúcho Freitas Valle, os catarinenses Affonso de Taunay e monsenhor Manfredo Leite,



Myriam Ellis, empossada na Academia Paulista de Letras

os paranaenses Eurico Branco Ribeiro e Ernani da Silva Bruno, os mineiros Basílio de Magalhães, Aureliano Leite e Prisciliana Duarte de Almeida, que deu à Academia Brasileira de Letras o exemplo da primeira mulher acadêmica.

Aqui estiveram também o paraense Afrânio do Amaral, o maranhense Carlos Alberto Nunes, o sergipano Cleomenes Campos, o carioca Luiz Martins, o baiano Fernando Goes, o cearense Raymundo de Menezes e, até ontem, para alegria de todos nós, o alagoano Ricardo Ramos, hoje habitante de nossa saudade. Todos se confraternizando com paulistas que chegaram com Martim Afonso e paulistas que chegaram há uma geração.

Sob este teto, conviveram e convivem cordialmente as mais diversas correntes culturais, políticas e religiosas. O presidente Altino Arantes, prócer perrepipista, o integralista Plínio Salgado, o comunista Affonso Schmidt, o georgista Rubens do Amaral, o socialista Sérgio Milliet, o nacionalista Monteiro Lobato, o se-

paratista Alfredo Ellis Júnior, o monarquista Ataliba Nogueira, Franco da Rocha e o pansexualismo, Pereira Barreto, positivista, o democrata Júlio de Mesquita Filho, o protestante Manuel Carlos, o jesuíta Hélio Abranches Viotti, o espírita Eurico Branco Ribeiro, os rebeldes da Semana de Arte Moderna de 22, os revolucionários constitucionistas de 32, todos fazem parte desta democracia acadêmica.

Ao lado do presidente da República Washington Luis, e dos presidentes de Estado Carlos de Campos, Altino Arantes, Pedro de Toledo, do interventor Macedo Soares e do governador Lucas Nogueira Garcez, o santo padre Chico canonizado pela saudade de nosso povo. Veja os encantos desta precária eternidade, professora Myriam Ellis!

A obra de Vossa Excelência é sal da terra, sólido edifício argamassado com óleo de baleia, presença sertanista, cafezal em flor. Seus livros, ensaios, pesquisas e artigos formam ao lado das aulas que ministrou e da imensa obra de seu pai e de seus avós, painel

mameluco saído das mãos de Clóvis Graciano.

Era uma vez a "Raça de Gigantes" rompendo meridianos e traçando com seu sangue a geografia de uma Pátria. Era uma vez São Paulo de Piratininga, vila de sertanistas, cidade de estudante, metrópole oceano de tantos rumos! A solenidade de hoje tem para todos significado especial. Alfredo Ellis Júnior, que jamais nos deixou, confirma-se na presença de sua filha.

Os mesmos ideais, o mesmo espírito, a mesma causa, passam de pai para filha, tocha de sonho e erudição que abastece a pira que mantemos acesa no coração da Academia.

Contemplando a nova acadêmica, relembro com emoção os diálogos interrompidos, com seu pai, tardes e noites de convivência fraterna, onde o mestre transmitiu a seu discípulo a rosa dos ventos do bandeirismo.

Através de seus ensinamentos de Affonso de Taunay, da heráldica de Menezes Drummond e da genealogia de Carvalho Franco, mergulhando em minhas origens, escrevi o "Armorial".

Tudo isso regressa do Parapava das lembranças, canoa fantasma singrando os sumidouros do sangue, ouro do Coxipó-mirim, da evocação, tropa de São Paulo, comandada pelo mestre de Campo, Alfredo Ellis Júnior.

Acadêmica Myriam Ellis, Amador Bueno, antepassado de Vossa Excelência, não quis ser rei dos paulistas. Contrariando a essa vocação, determinamos a sua neta que reine, a partir de hoje, sobre o coração de seus 39 irmãos da Academia Paulista de Letras!

* Paulo Bomfim é príncipe dos poetas brasileiros e membro da Academia Paulista de Letras.

O café, do romance

* Myriam Ellis

O primeiro romance especialmente escrito sobre o café — se é que em tal gênero literário se pode enquadrar a obra — é o de Luís da Silva Alves de Azambuja Susano, "O Capitão Silvestre e Frei Veloso, ou a Plantação do Café no Rio de Janeiro - Romance brasileiro" (Rio de Janeiro, 1847).

Narra a tentativa do marquês de Lavradio, em 1774, para introduzir o café na Capitania e a má vontade dos fazendeiros em dar início àquela cultura.

Dos derradeiros tempos da grandeza do café na região fluminense é o romance de José de Alencar, "O Tronco do Ipê" (1871), cujo enredo se desenrola em uma fazenda na província do Rio de Janeiro, às margens do Rio Paraíba.

Apenas um vago e esmaecido pano de fundo quanto à localização da fazenda e ao cenário cafeeiro transparece na obra, à medida que preponderam preocupações com o enredo e a descrição de hábitos sociais e modos de vida. O café é aí um mero elemento geográfico, nada mais. O mesmo sucede com "Tij" (1872), outro romance do mesmo autor, de idêntico gênero e com cenário também numa fazenda de café, em território paulista, porém, próximo à confluência dos Rios Atibaia e Piracicaba e às margens deste último. Sobre o café, apenas referências ao trabalho escravo, à geada e à "argila roxa".

Um parêntese. No que tange à literatura do café é evidente a predominância da província, depois Estado de São Paulo, em relação à do Rio de Janeiro. E em São Paulo, prevalece a região do Oeste.

O Vale do Paraíba é notadamente carente de obras literárias sobre o café, quer de autores de renome, quer de escritores da época propriamente dita da evolução e do apogeu da rubiácea. Prevalcem as referências eventuais, paralelas ou acessórias. Parece entrar o café na literatura já em plena fase da decadência do produto naquela área, decorrente da exaustão dos solos e da libertação do escravo. "Cidades Mortas" (contos e impressões), de Monteiro Lobato, por exemplo, retrata o desolador panorama da região após a avassaladora passagem do café mediante a prática de uma economia sabidamente de caráter predatório.

Caberia lembrar, todavia, de Cornélio Penna, "A Menina Morta", (1954) e "A Roda do Inferno", de Hilda César Marcondes da Silva, escritora valparaibana, romances de ficção, evocativos do passado e da tradição do vale no que toca à lavoura do café e que, neste caso, poderiam ser considerados como exceções.

Em "A Roda do Inferno" (1964), de Hilda César Marcondes da Silva, tem o enredo por cenário uma fazenda, "Oliveiras", no Vale do Paraíba, cujas ruínas evoca a autora, sem todavia localizá-las com precisão. É uma das raras e aproveitáveis referências àquela região na área do que se pode denominar de literatura cafeeira.

Nascida em Taubaté (1911), viveu a romancista parte da sua mocidade entre Pindamonhangaba e Guaratinguetá. É o que credencia a

inclusão da sua obra entre estas anotações, uma vez que a fazenda em questão, proprietários, escravos, dependências, atividades e tudo o mais falam da antiga lavoura do café naquela zona.

Quanto ao romance "A Menina Morta" (1954), de Cornélio Penna (1896), desenvolve-se numa fazenda de café, em Porto Novo, Estado do Rio de Janeiro, nas margens do Rio Paraíba, no século passado. Em tal ambiente são retratados a vida material, hábitos e costumes de outrora, dos senhores, sua família e comensais e os escravos da fazenda, na maioria das vezes ocupados nas suas tarefas quotidianas. Tudo cuidadosamente recolhido da tradição oral e descrito com o requinte da minúcia.

O que levou o autor a escrever a obra foram certo quadro com a figura de uma criança morta, havido por herança, mais os momentos e seu passado vividos em Pindamonhangaba, terra dos Marcondes, também sua gente por via materna, tradições, lembranças de pioneirismo cafeeiro em solo fluminense, recordações e sentimentos.

Diz o autor, a propósito da própria obra: ali "Era a fazenda do café que se fazia ouvir, com sua voz murmurante, onde o pranto dos escravos se mistura com a alegria da riqueza dominadora em marcha". Em ambas o café constitui apenas o pano de fundo do cenário em que se desenrolam os acontecimentos.

Mas, retornemos aos primeiros romances, que têm por cenário o café. De 1871 é "A Mocidade de Trajano", de Sílvio Dinarte, pseudônimo com que o autor de "A Retirada da Laguna" e "Innocência", Alfredo d'Escagnolle Taunay, futuro visconde, estreou naquele gênero literário. Antiescravista, a obra aborda aspectos de escravidão em abastada fazenda de café, a da Mata Grande, na província de São Paulo, entre Jundiá e Campinas. Na paisagem social e econômica do romance está o café, na verdade, presente, o que não sucede na obra de Alencar, em que apenas desponta. O cafeeiro surge a cada instante, relacionado à produção, ao consumo, ao transporte, à mão-de-obra, enquanto se desenvolvem a vida cotidiana do negro, o trabalho, as aspirações de liberdade, o relacionamento entre senhores e escravos, desleixos e desleixas, rixas, vinganças e castigos e a escravidão é considerada como um mal social tanto quanto valoriza o autor as idéias da colonização.

Ainda do século passado é outra obra de ficção em que surge o café: "A Carne", de Júlio Ribeiro, romance de cunho realista editado em 1888, oferecido a Émile Zola, considerado na época excessivamente ousado. Não foi evidentemente o café o intuito do autor, não obstante quase todo o enredo se desenrole numa fazenda cafeeira do oeste paulista, nas proximidades de Rio Claro. Convém lembrar que Júlio Ribeiro, como naturalista, não poderia ter deixado de observar o cafeeiro, o solo, a topografia e os aspectos da lavoura. E mais adiante foi Transportou o café até Santos, onde registrou todo o movimento e a manipulação do seu comércio.

Traz a obra excelente descrição, uma das melhores do ponto de vista geográfico, da região percorrida pe-

lo café através da serra de Parapiacaba, rumo ao litoral, e precisas e minuciosas explicações técnicas referentes à estrada de ferro Santos-Jundiá, mecanismos, serviços e funcionamento, na época. E não menos expressiva quanto pitoresca é a descrição da movimentada cidade de Santos como porto de embarque do café para o Exterior, ao fim do século passado. Com "A Carne", de Júlio Ribeiro, pode-se dar por encerrada a primeira fase do romance em que é o café o pano de fundo.

A segunda fase inaugura-se com o romance de João Pedro da Veiga Miranda, "Redenção", publicado em São Paulo, em 1914, que evoca as vicissitudes de uma família de imigrantes italianos e sua integração no meio rural da cafeicultura paulista. E as do fazendeiro, em luta com comissários, bancos, dívidas, juros altos e hipotecas, a sofrer as consequências do comodismo, da imprevidência e da dilapidação dos lucros dos belos tempos, com faustosa vida e custosas viagens à Europa. Tudo isso, de permeio com um cenário de cafezais e de evocações de costumes do campo e da cidade como reflexos da economia do café, a formar o ambiente de uma história de amor.

Inclui-se, perfeitamente, nessa fase, o romance de costumes "Madame Pommery..." (1919), de Hilário Tácito, pseudônimo do engenheiro civil, José Maria de Toledo Malta, que, além de autor de renomadas obras sobre cimento armado, construtor de edifícios, entre os quais o Martinelli, foi talentoso homem de letras, humanista notável, profundo conhecedor da língua pátria, poliglota e exímio latinista. Deixou o já mencionado romance de reconhecido valor literário sobre os costumes mundanos noturnos da Paulicéia, na época de progresso do café e evidência dos coronéis, saborosa sátira às francesas introduzidas no mundo paulistano por abastados fazendeiros de regresso da Europa.

Dessa fase que também inclui "Onda Verde", de Monteiro Lobato, no domínio da crônica, é "Flama e Argila", de Menotti Del Picchia (1920), em que o café, em primeiro plano, forma o ambiente de personagens que existem em função da economia cafeeira e vivem um romance do café, no qual o autor descreve o cultivo da planta, a colheita, a geada, o comércio, a abertura de novas lavouras no Paraná, sem esquecer a vida em sociedade e os costumes nas fazendas paulistas.

Caberia, ainda, enquadrar nesse período "O Estrangeiro", de Plínio Salgado, que trata do enriquecimento do imigrante italiano na agricultura do café e aborda os hábitos dos novos-ricos a enfrentar preconceitos em busca de prestígio e em ascensão no panorama social da época.

Basilio de Magalhães em "O Café" refere-se, ainda, e vagamente, a um romance de Benedito Otávio de Oliveira (1871-1927), natural de Campinas e um dos fundadores da



Academia Paulista de Letras; romance que, segundo Fernando Goes em "O Espelho Infiel", teria sido publicado sob o título "Decadência", no "Cidade de Campinas", em folhetins em circulação naquela cidade, entre 1896 e 1915.

E, também, ao romance de "costumes paulistas", lançado em 1914, no Rio de Janeiro, "Colhendo", de autoria de Nios, pseudônimo de Nina Felício dos Santos. A propósito do livro que trata da vida de uma fazendeira do interior de São Paulo, diz Basílio de Magalhães que são "cenas traçadas com sinceridade e cor local, embora poucas que interessassem quanto a hábitos novos que porventura tenha criado e possa perpetuar ou generalizar a lavoura cafeeira".

"Terra Roxa", de Rubens do Amaral, escrito por volta de 1922 e lançado em São Paulo em 1934, estampa a vida em uma fazenda paulista de café, lá para as bandas de São Carlos, em 1918, o ano da "geada grande" que descreve. Assinala a terceira fase do romance do café, fase essa equivalente a do especial interesse dos ficcionistas da década de 30 pelo que diz respeito à terra e aos reflexos das culturas e plantações sobre o meio e a civilização rurais. E, em São Paulo, particularmente caracterizada pela intencionalidade dos autores em realizar o romance propriamente dito do café.

Misto de romance e reportagem é um manual de informações. É quase uma monografia sobre o café, em que praticamente tudo o que se refere à lavoura da rubiácea e ao sistema de trabalho nas fazendas às técnicas ali desenvolvidas é narrado com abundância de minúcias vazadas no mais feliz estilo das mais vivas cores e movimentadas formas. Não menor acuidade de observador cuidadoso, preocupado em não fantasiar, revela o autor, ao esmiuçar os costumes dos colonos — europeus e

nacionais — e dos pequenos fazendeiros, sua maneira de ser, de viver e seu relacionamento.

Entre seis e sete anos após, surgem, na trilha do romance do café, "O Espigão da Samambaia", de Leão Machado (1940), "Fazenda (drama da decadência do café)", de Luís Martins (1940), e "A Derrocada", de Rubem Rocha (1941), a refletir as consequências da crise do café, em 1929.

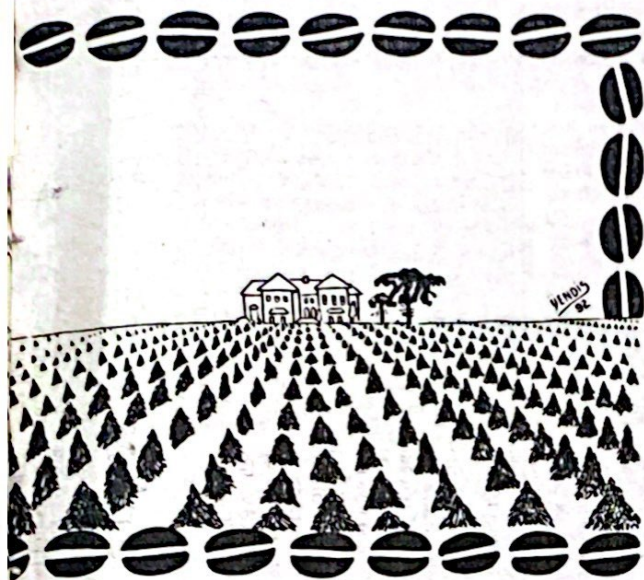
Em "O Espigão da Samambaia", desenvolve o autor a história de uma tragédia de amor, enquanto procura evidenciar os erros dos fazendeiros, o abandono, por parte do governo, dos pequenos sítios, que acabam devorados pelo fisco, em contraposição com os comissários, de boa vida, a gozarem de vantagens como intermediários que nada tinham a perder e levavam sempre o melhor.

"Fazenda", de Luís Martins, projeta nítida visão de decadência da lavoura paulista e suas implicações econômicas e sociais, no que envolve a velha aristocracia rural do café. A questão da perda do poder econômico pela aristocracia rural, para industriais e comerciantes, será também assunto de cogitação de Leão Machado em "Fronteiras do Café - Capa Preta", obra publicada vinte anos depois (1960).

Quanto à "A Derrocada", obra escrita por um fazendeiro paulista, Rubem Rocha, é um desabafo, um libelo, contra o governo ante a má política em relação ao café — queima, taxas elevadas, retenção, abandono da propaganda, desleixo na conquista de novos mercados — e contra os especuladores manobristas de altas e baixas de preços, agiotas e banqueiros...

Nessa mesma linha de "O Espigão da Samambaia", que aborda a questão da alta e da baixa do café, de João Almeida Pacheco, em 1949, "O Recuo do Meridiano", que descreve a fazenda, o casarão, o manguieirão, o café no terreiro a

Romance à história



secar ao sol, o cafezal, a colônia e os colonos, colheita, pilão, ensacamento, tolha, comércio, exportação. E o filho do fazendeiro, lá pela década de vinte, com rabo de tatu na mão e espora a retinir no calcanhar, à imagem do pai... Depois do casamento mudara-se para a cidade. "Vida melhor. Afinal o café estava dando... Quem havia de dizer? Ainda outro dia não chegava a trinta mil-réis por saca. Agora, cento e cinquenta... Talvez comprasse uma fazenda de duzentos mil pés de café... assombraria Jaú inteira com a sua ousadia". O mercado de café. Especulação. Alta. O jogo na Bolsa de Santos em 1929. E depois... desastre financeiro e pânico na Bolsa de Nova York, queda de preço do café, degringolada da lavoura paulista, falências, crise, decadência, anseio de mudança, de reforma política, de revolução...

Sombrias as perspectivas dessa crise do café que preludiou a revolução de 30, evocada por Oswald Andrade em "Marco Zero" - Livro I - "A Revolução Melancólica" (1943) e associada à política do novo governo de abandono do "produto capaz de sustentar a balança comercial exterior..." "É claro que o movimento de 30 que se fez contra a hegemonia paulista não ia salvar São Paulo..." Procura o autor retratar na obra a situação rural e urbana de São Paulo por ocasião do movimento revolucionário de 1932 e discutir questões relativas às crises do café e ao crescente movimento comunista na cidade de São Paulo, ponto de partida da concentração industrial.

Desta terceira fase em que, no romance, deixa o café de ser pano de fundo e passa de cenário a "personagem" e a determinar tempo, espaço e mentalidade é o livro de Hernâni Donato, "Filhos do Destino. História do café e do imigrante em São Paulo", lançado em 1951.

Desenrola-se o romance no centro-sul paulista, junto a um ramal da Sorocabana e ao lado da rodovia

São Paulo-Mato Grosso, na época em que São Paulo, com bilhões de cafeeiros e a maior lavoura organizada do mundo, vacila entre a agricultura e a indústria e o colono italiano rumo para o campo a substituir o negro recém-liberto e em debandada. E descortina o drama do imigrante, do desembarque à arribada nas lavouras, seu trabalho, costumes, anseios e ascensão social...

Pós-modernista, Hernâni Donato, de origem italiana, nascido em 1922, em Botucatu, registra em seu romance social, com extrema sensibilidade e vigor, com justiça e maestria, o muito que traz em si, de sua gente e de sua terra.

Do mesmo autor, "Chão Bruto" (1958), indiretamente relacionado ao café, trata da conquista do sudoeste paulista, da luta pela posse da terra devido à valorização decorrente do avanço da estrada de ferro Sorocabana.

No que diz respeito à perigosa e tumultuada vida nas frentes pioneiras do oeste paulista, à conquista da terra pelo café e pela ferrovia, à arribada do imigrante, poder-se-ia considerar a obra de Hernâni Donato como paralela dos romances de Francisco Marins sobre o café abordados mais adiante. Aliás, são evidentes certos pontos de contato entre os dois romancistas, ambos da mesma geração, da mesma região de origem - Botucatu - e com idênticas inclinações literárias.

"Capa Preta" (1960), de Leão Machado, é o primeiro de uma série de romances prometidos pelo autor com o título genérico de "Fronteiras do Café" e o intuito de interpretar a época das transformações sociais e políticas ocorridas em São Paulo após a revolução de 1930, também conseqüência daquelas transformações, como o foram a crise do café de 1929 e a perda do poderio econômico, por parte da aristocracia rural que, formada no Império, governou o Brasil até 1930, para os in-

dustriais, comerciantes e outros homens de negócio, classes novas provenientes dos reflexos da Primeira Guerra Européia.

A crise do café constitui, por sua vez, mais um capítulo no processo de transformação da nossa economia, processo esse que se poderia considerar iniciado pelo Convênio de Taubaté (primeiro ato da intervenção do Governo no mercado cafeeiro) e se estende por etapas através de uma série de eventos: nascimento da indústria, guerra de 1914, geada de 1918, surgimento da broca em 1924, e crise de 1929.

A transferência do poder econômico da aristocracia rural para as novas classes, conseqüentemente implicou na perda do poder político por aquela classe agrária. Os romances "Fronteiras do Café" tiveram por finalidade apontar aquelas transformações exclusivamente no que diz respeito a São Paulo, onde a industrialização primeiramente teve início e as mudanças sociais se verificaram mais acentuadas. É a razão do título "Fronteiras".

"Capa Preta", o romance inicial da série planejada, é um romance político. Desenvolve-se em 1928, às vésperas dos acontecimentos que assinalaram a crise de 29 e a revolução de 30. Estampa uma situação política anterior, na qual, numa pequena cidade do interior paulista, surgem aspectos típicos da oligarquia que aquela revolução derrubou, a figura do coronel, chefe político, representante da oligarquia, o ladrão de cavalos (Capa Preta), e capanga, a luta pela conquista e manutenção do poder e mais usos e costumes políticos e eleitorais - estes um tanto escandalosos - vigentes nos tempos da Primeira República, fatos de origem econômica, nos quais o café, base da riqueza, era também a fonte do poder político.

Finalmente, a grande obra de ficção, de fundo histórico, sobre o café: a trilogia que constituem os três romances "Clarão na Serra" (1961), "Grotão do Café Amarelo" (1963) e "... E a Porteira Bateu" (1968), de Francisco Marins, a quem coube escrever a saga paulista do café.

Autor de renome em nossa literatura infanto-juvenil ligada a temas de cunho histórico-social e de realidade atual, estreou Francisco Marins, naquele gênero, com o livro "Nas Terras do Rei Café" (1945). E inaugurou a nova fase de sua carreira literária, apoiada em profunda sensibilidade artística, no bom gosto e em notável capacidade de bem narrar, com o romance "Clarão na Serra". Nascido em Botucatu (1922), profundo conhecedor dos costumes da região, escreve Marins sobre sua terra e sua gente, pelo muito que deve ter recolhido de abundante e inspiradora tradição regional e familiar.

"Clarão na Serra", romance social, enquadra-se na história do pioneirismo dos "bandeirantes do café" da segunda metade do século passado e do desbravamento de uma faixa da região noroeste da então província de São Paulo, o sertão

de Botucatu, entre as encostas da Serra de Botucatu e o vale do Rio Pardo (do sul), formador do Paranapanema. De feição social, histórica, coletiva e dinâmica, com largo sentido humano e valores fundamentais, permanentes e universais, projeta o romance, naquele cenário, tipos humanos de uma época e de uma sociedade reais e relacionados a fatos verídicos, quando os inimigos comuns eram as distâncias, o índio e a carência de braços. E os homens, em sangrentas lutas de vida ou morte, disputavam a posse de um pedaço de chão exigido pela nascente lavoura do café. E os litígios entre os desbravadores, as ambições e rivalidades sem peias, a preponderância do mais forte, como nas selvas, a situação miserável dos escravos, a chegada à frente pioneira das primeiras máquinas de beneficiar café, a marcha da ferrovia a superar as tropas, o desenvolvimento dos transportes, das técnicas e do comércio formam o ambiente em que floresce terno romance de amor e de coragem que leva à reflexão sobre o vigoroso e sobranceiro perfil da mulher paulista do século passado, a compartilhar com o homem toda a rusticidade da agreste fronteira em marcha onde se defrontavam grupos de pioneiros e os dos senhores e agregados.

Baseado em fatos, a alternar a narrativa com os acontecimentos históricos - a Revolução de 1842, em Sorocaba, a evolução do regime servil para o trabalho livre, a abolição da escravidão, a influência da imprensa na campanha republicana, a proclamação da República - Marins explora com segurança a história do pioneirismo cafeicultor do Século XIX e reconstitui toda uma época a que remonta, de influências decisivas na economia e na formação política do Brasil republicano.

Com a mesma força evocativa, "Grotão do Café Amarelo" e "... E a Porteira Bateu" continuam "Clarão na Serra". Agora o cultivo do café é uma realidade decorrente da exploração da terra e da instalação da monocultura que açambarca e monopoliza os solos. Autêntica "corrida", a do café no oeste paulista, que quase obriga o País a importar os alimentos mais comuns e redundava na superprodução, em fins do século passado, na época de Bernardino de Campos (1892-1896), prenúncio de futura crise.

Antes, a derrubada, o negro na lavoura, a Abolição, a arribada do imigrante italiano em carroções cobertos de ramagens protetoras contra os raios do sol. Agora, o produto das colheitas em sacos de aniagem, em carro de bois, dos talhões do cafezal ao terreno da seca e em seguida à tolha. O ano de 1904 a assinalar o início da construção da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil. A vida em uma pequena cidade do interior, com seus costumes, festas, tradições e a pitoresca linguagem tipicamente regional.

Em "... E a Porteira Bateu", as fazendas instaladas, os vilarejos a se transformarem em cidades, plantadores de café e plantadores da ferrovia sucedem-se na história do pioneirismo circundada pelos Tietê, Paranã e Paranapanema e na arremetida contra o sertão e o índio. É a difícil e bruta guerra nas florestas, pelos espaços para os trilhos e para novos

plantios e culturas, da escalada do café.

A política de defesa do café, decorrente do Convênio de Taubaté (1906), supera os problemas oriundos da comercialização das safras, das manhas dos compradores intermediários, da oscilação dos preços e das baixas no mercado. Desafoga-se a lavoura que, com os preços na crista da alta, pôde recuperar-se dos prejuízos dos péssimos tempos enfrentados. Todavia, mais adiante, outro assunto que se entrosa ao enteredo do romance: pânico no comércio mundial, alteração na economia do País, retração de preços, desorganização da exportação principiara a Grande Guerra. E o café, bebida de consumo mundial, não escapava à crise que atingia em cheio esse produto básico da economia brasileira. E os fazendeiros deviam arcar sozinhos com as conseqüências.

Não apenas romancista, mas cuidadoso observador, pesquisador e estudioso dedicado, revela-se Francisco Marins, cuja obra de ficção sobre o café ultrapassa os limites do romance propriamente dito e envereda pelos domínios da História, a história da cafeicultura paulista, tal o discernimento e a segurança com que logra evocar e reconstituir os ambientes geográfico e social e os estilos de vida da nossa gente no passado.

E, para encerrar estas notas, cabe uma referência ao romance de Antônio Marchetti, "Maria Me dá Café" (1967). Natural de Monte Aprazível, onde nasceu, em 1926, de mãe e pai italianos, imigrantes integrados na lavoura, com profunda vivência em nosso meio rural, poder-se-ia considerar esse escritor extremamente simples, autêntico, natural e mesmo rústico, o "romancista da roça".

A obra, de título pitoresco - ruidosa exclamação de um papagaio - reflete em seu conteúdo aspectos psicossociais da vida dos colonos. E mais as deficiências materiais do roceiro, sua ingenuidade e sua maldade, seu apego à terra: a oposição entre pioneirismo e rotina, entre desambição e exploração inescrupulosa dos intermediários da comercialização agrícola. E, na paisagem física das lavouras, o desfilar de costumes regionais, hábitos de vida e de trabalho, técnicas agrícolas, práticas religiosas, superstições, jogos e diversões.

Cafeicultor em permanente contato com o campo e ininterrupta labuta na roça, com experiência na decadente lavoura paulista e na lavoura florescente do norte do Paraná, Marchetti, mais do que um romance, apresenta um depoimento. Ressalta a erradicação dos cafezais e suas repercussões sociais, o mundo industrial paulista e suas influências sócio-econômicas e a eclosão de novo e promissor surto agrícola paranaense a reanimar as esperanças.

Não somente o romance, mas outros gêneros literários, a crônica, o conto, o teatro, que se ocuparam do café direta e indiretamente, ou seja, através de assuntos afins, primam, também, pelo vigor evocativo e pela excelência de qualidade do ponto de vista histórico.

* Myriam Ellis é membro das Academias Paulistas de Letras e de História.

Medicina da década de 40

* Paulino Lazzarini

Éramos jovens quando nos idos de 1947 colamos grau no velho Teatro Municipal de São Paulo. Plena época de guerra. O Brasil temendo incursões aéreas dos inimigos, instrua a população a defender-se dos bombardeios aéreos "Black out". E foi nesse clima e numa noite dessas que a 25.ª Turma da Casa de Oswaldo festejou a sua formatura.

As palavras do paraninfo, prof. Edmundo Vasconcelos, foram as costumadas recomendações aos recém-diplomados. Uma coisa porém ficou-se dentro de mim pelas suas palavras.

"A lei nos permitia praticar a medicina como melhor nós entendêssemos." Não nos obrigavam a um estágio probatório suficiente numa clínica, numa enfermaria por um determinado prazo suficiente para exercer a profissão com firmeza e descortínio. E isto

seria muito necessário ao novo médico. Um estágio numa clínica médica especializada: ORL, Oftalmologia, Dermatologia etc.

De minha parte, inici-me na Clínica Médica, procurando seguir os grandes mestres que me tinham seduzido: Celestino Bourroul, Rubião Meira, Ovídio Pires de Campos, Almeida Prado. E foi assim, paulatinamente, que abrindo meu consultório, em Pinheiros, comecei a clinicar. O velho casarão da Santa Casa de Misericórdia, à Rua Cesário Mota, atraía-me sobremaneira.

E também de uma maneira estranha e sedutora atraía-me intensamente o velho formulário da Santa Casa, organizado pelo prof. Cantídio de Moura Campos. E foi assim que comecei a me interessar pelas fórmulas. E exercendo a Medicina com desvelo e carinho formulava intensamente.

Os grandes laboratórios farmacêuticos estavam,

porém, iniciando o seu trabalho e por intermédio de seus divulgadores científicos catequisando-nos, apresentando seus produtos. Estranhamente, porém, também as farmácias iniciaram a venda de produtos prontos.

E as nossas fórmulas não eram aviadas facilmente, a não ser por farmácias dirigidas por profissionais competentes que gostavam e porfiavam em preparar os remédios. Tornaram-se casas de comércio que vendem remédios prontos e com nomes próprios registrados comercialmente.

Isto posto, naturalmente eu acredito que quase a grande maioria dos colegas deixou de formular. E fomos deixando de lado velhas fórmulas magistrais, que curavam mesmo, e foram esquecidas as vacinas preparadas para as mais diversas afecções, as pomadas, os febrífugos, os tônicos, os calmantes, os colírios etc, etc.

De outro lado, os clientes, por comodismo, pela

distância, às vezes, às velhas farmácias conceituadas do centro ou dos bairros nobres, compravam o remédio pronto na primeira que encontravam.

E foi assim que desampendemos de formular e passamos a não acreditar em vacinas. E foi assim que muita fórmula eficaz, em casos indicados, foi deixada de lado. Parecemos, no entanto, que estamos voltando aos poucos à velha prática muito vagarosamente e, graças a Deus, a reação parece que está se processando.

Por último, acredito que as fórmulas das farmácias de manipulação artesanal devam, como, aliás, algumas já o estão fazendo, apresentar novos fármacos, fórmulas magistrais e dar publicidade maior possível às mesmas, em benefício não só dos nossos doentes, mas também para nos exercitar novamente na linda e difícil arte de formular.

* Paulino Lazzarini é clínico geral.

Coluna do livro

No dia 23 de abril passado, Myriam Ellis tomou posse na Academia Paulista de Letras, ocupando a cadeira n.º 13, tendo sido recebida pelo acadêmico, príncipe dos poetas brasileiros, Paulo Bomfim.

•••

Aos 14 de abril passado, comemorou-se o jubileu de prata da Academia Cristã de Letras, presidida pelo acadêmico Roberto Machado Carvalho, com missa em ação de graças no Pátio do Colégio, celebrada pelo acadêmico, padre Hélio Abranches Viotti, SJ. Em seguida houve sessão solene litero-musical.

•••

A Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto comemora quatro décadas de fundação. A aula inaugural ocorreu aos 17 de maio de 1952, ministrada pelo então governador do Estado, professor Lucas Nogueira Garcez.

•••

A Editora Pensamento, São Paulo, lançou o livro *Os Estados Afetivos e os Remédios Florais* do Dr. Bach, de autoria de Eduardo Lambert. O livro cataloga os estados afetivos desequilibrados e relaciona-os aos remédios florais do doutor Eduard Bach, permitindo ao usuário prescrições adequadas.

•••

O Conselho Federal de Educação (CFE), em dezembro passado, oficializou, no Hospital Jaraguá (São Paulo, SP), o funcionamento de curso de pós-graduação em Medicina, nas áreas de cirurgia do aparelho digestivo, cirurgia geral, cirurgia vascular e angiologia. Ao que se sabe, é a primeira vez no País que o CFE aprova curso de pós-graduação médica em hospital particular; para tal, muito contribuiu a qualidade do serviço daquele hospital e a inquestionável competência do médico e educador Irany Novah Moraes, coordenador do curso. A supervisão das áreas está a cargo dos professores Joamel Bruno de Mello, Pedro Nahas e Salvador José de Toledo Arruda Amato. É secretária executiva a professora doutora Marisa Campos Moraes Amato.

•••

A Associação dos Médicos de Santos fez circular, em abril, o seu "Jornal do Médico". O periódico, mensal, está fazendo muito sucesso. A direção está a cargo do eficiente doutor Oscar Oliveira Jr. Jundiá também tem o seu periódico: "Doutor News", sob a direção dos também eficientes doutores Rogério Eduardo Pansanato e José Carlos Gutierrez Ruiz.

G.A.P.

Aleluia

No despedida de um loiro anjo musical que embalou os sonhos da minha vida

* Augusto Rua

Aleluia!... Aleluia!...
Neste dia
De alegria
De sol imenso e claro,
Toda a gente passa alegre
Irradiando simpatia...
É sábado de Aleluia

Comigo vive a saudade
Dessa nova sinfonia
Que o meu espírito embala:
Ária alada,
Sombras e baixos
De leves ritmos musicais...
Carícia doce e branda
De sensíveis dedos virginais.
Afaço de anjo posto na subida,
Auréola de luz
Na penumbra boreal da minha vida.

Numa tarde fria
E triste,
Com um breve aceno de mão
Partiste!...
Tudo contém a tua muda lembrança:
As coisas em que tocaste,
As ruas onde passaste

A leve brisa
Que teus cabelos desalinhou,
As notas
Que o violino cigano derramou
Nas finas conchas dos teus ouvidos,
A poesia dos fugazes momentos
Por nós, a sós vividos,
As estrelas em que pousou o teu suave olhar,
A melodia de inesfável harmonia
Que sei
É que nunca te ouvi tocar...

Chora de angústia a amargura
Que invade o meu tormento.
Paira em mim a saudade
Que a tristeza desse dia,
Lançou sobre a ventura
Da minha fantasia,
Canta a razão com humildade
A pureza que advém do sofrimento
Irmão gêmeo do amor e da Verdade!...

É sábado de nostalgia,
De brilhante mas triste sol...
Aleluia!... Aleluia!...

* Augusto Rua é vice-cônsul de Portugal.

Médicos pintores e escultores

Entrem em contato com o Departamento Cultural da APM.

Tel.: (011) 37-4581, ramais 29, 30 e 31.